



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 477-491, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

O PROFESSOR E A DIVERSIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO¹

THE TEACHER AND GENDER DIVERSITY IN EDUCATION

Tatiane Cristina Strunz

RESUMO

O artigo trata da diversidade de gênero, especificamente homoafetividade em ambiente escolar. O objetivo foi compreender as práticas dos professores e da escola diante dessa diferença e o quanto ela afeta na educação e formação das crianças. Essa pesquisa é qualitativa, com entrevista semiestruturada com quatro Professoras da rede Municipal de Sinop, Mato Grosso. Os teóricos utilizados foram Rogério Diniz Junqueira, Toni Reis, Isabel Alarcão e Paulo Freire. Foi constatado que os professores não possuem formação da graduação ou continuada adequada sobre o tema, e que estes, quando abordam o assunto em sala de aula, o fazem de maneira pessoal e não científica.

Palavras-chave: Diversidade de gênero. Homoafetividade. Professor. Qualificação profissional.

ABSTRACT²

This article discusses the gender diversity in the school environment, specifically the homoaffectivity issue. The objective was to understand the practice of

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O Professor e a diversidade de gênero na educação: mito ou realidade?**, sob a orientação da Dra. Isabela Augusta Andrade de Souza, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/2.

² Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens Barbosa de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

the teachers and the school in face of this difference and how much it affects the children education. This is a qualitative research with with a semi-structured interview with four teachers from the Municipal department of education in Sinop/Mato Grosso. The theorists authors used were Rogério Diniz Junqueira, Toni Reis, Isabel Alarcão and Paulo Freire. It was found that teachers do not have this subject covered at undergraduate or continuing education, and when they address the subject in the classroom they do so in a personal and unscientific manner.

Keywords: Gender diversity. Homoaffectivity. Teacher. Professional qualification.

Correspondência:

Tatiane Cristina Strunz. Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação em Lingagem (FAEL), Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). Sinop, Sinop, Mato Grosso. E-mail: tatiane.cristina1004@hotmail.com.br

Recebido em: 09 de maio de 2019.

Aprovado em: 04 de junho de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3506/2482>

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda um tema que é a diversidade de gênero nas escolas, e teve como objetivo compreender como a diversidade de gênero é percebida na escola e como ela é ou não discutida, representada ou desconsiderada na rotina e no contexto da escola pela figura do professor e se esse assunto chega ou não até as crianças enquanto formas adequadas ou ignoradas.

No decorrer da pesquisa, pretendemos compreender então as seguintes questões: que práticas ou ações são realizadas (ou não) pelos professores quando se deparam com a diversidade de gênero de um modo geral, levando em conta na pesquisa, a particularidade da homoafetividade; seja ela apresentada enquanto comportamento ou situações específicas como alguma atitude homofóbica nas escolas; e quais os desafios são vivenciados pelos professores com os alunos sobre esse tema, uma vez que a escola é o ambiente que encontramos maior número de diversidades; identificar a dificuldade, conceitos e/ou preconceitos dos professores

ao abordar o assunto com os alunos no ambiente escolar; analisar a atitude ou falta desta (dos professores).

São perguntas que justificaram a importância deste projeto, assuntos como a sexualidade humana em geral, pode causar constrangimentos, ‘medos’, tabus, como se não houvesse esse ‘algo’ na vida das pessoas no cotidiano, não só como seres sexuais, mas também no outro, inclusive nos ambientes escolares.

2 A EDUCAÇÃO, O PROFESSOR E A ESCOLA: atores de um espaço de diversidade

Paulo Freire menciona em seu livro **Pedagogia da Autonomia** (1996, p. 70), que, “Especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos”.

Quando ele diz que a educação é gnosiológica, ele fala sobre a teoria do conhecimento humano, como o conhecimento é formado no ser humano. Paulo Freire (1996 p. 28) observa dois momentos no ciclo dessa formação de conhecimento “Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. ”

Paulo Freire afirma no livro **Pedagogia do oprimido** (1987, p. 46) que a educação acontece com a comunhão, com a conversa, com os conhecimentos que já existem em cada pessoa e a interação entre aluno e professor e toda a sociedade escolar, transforma em um novo conhecimento, em novos valores. Assim, a escola no contexto geral também se torna educadora.

Sendo assim, a escola tem um papel importante no ponto de vista de formação de cidadãos conscientes dos conceitos básicos para se viver na sociedade. O livro **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade** (ALARCÃO, 2001, p. 18) nos mostra ainda que “A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania.” É dentro da escola que a criança além de aprender, vai praticar a cidadania, os conceitos de vivência na sociedade que são

aprendidos na escola são ao mesmo tempo praticados ali e o aluno os levará para a vida.

Todo o conhecimento adquirido pela criança na escola serve também, para elas serem preparadas para o mundo adulto, para aprenderem a trabalhar e viver na sociedade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 185).

Junqueira (2007, p. 60) aponta ainda que: “A promoção da diversidade constitui um fator de inclusão e pertencimento. E educação só é inclusiva e de qualidade se for realizada a partir da valorização da diversidade.”

Claudia Vianna e Sandra Ridente (1995, p. 95) é muito falado sobre inclusão de diferenças físicas, econômica, social, racial e até mesmo religiosa, porém, quando se fala sobre a sexualidade humana, em particular questão de gênero ainda é pouco discutido na educação. Legislações e Diretrizes não mencionam especificamente sobre a diversidade de Gênero, mas são voltadas nas outras diversidades, relações de gênero são pouco explorados nas escolas.

Ainda tem pessoas que consideram habituais e admissíveis as pessoas apanharem nas ruas, sofrerem preconceito apenas por gostarem de outra pessoa do mesmo sexo. Ou apenas por ter trejeitos que não condizem com o estereótipo de seu sexo. Mesmo ainda sendo um direito por lei dessas pessoas, isso ocorre porque consideram um “crime” contra a família e a valores religiosos (EUFRAZIO *et al*, 2015).

A heterossexualidade aparece, assim, como o padrão com o qual todas as outras sexualidades devem ser comparadas e medidas. É essa qualidade normativa – e o ideal que ele encarna – que constitui uma forma específica de dominação chamada heterossexismo. Este pode ser definido como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade assume posição superior. Todas as outras formas são qualificadas, na melhor das hipóteses, como incompletas, acidentais e perversas, e na pior, como patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização. (REIS, 2015, p. 30).

Podemos perceber que por fugirem da ‘normalidade’ padronizada pela sociedade, tanto estudantes e profissionais da educação, como também toda a sociedade ali inserida, podem ser vítimas de práticas discriminatórias, agressões verbais ou até mesmo físicas e seus agressores não são muitas vezes nem punidos pelas leis, nem pela sociedade, como se seu ato agressor contra as ‘minorias excluídas fora dos padrões da sociedade’, pudesse ser violentadas das mais

diferentes formas, pois como são 'diferentes', a agressão 'justifica-se' (EUFRAZIO *et al*, 2015).

É dessa forma que nasce a 'homofobia', agressões contra diferenças de gênero e orientação sexual, conforme Toni Reis menciona, sobre a palavra 'homofobia':

O termo "homofobia" passou a ser usado a partir do início dos anos 1970, quando o psicólogo clínico George Weinberg utilizou a palavra para definir o "medo de estar próximo a homossexuais" (WEINBERG, apud JUNQUEIRA, 2009^a, p.370). Também é uma palavra composta por dois elementos: "homo", que vem da palavra homossexual, e "fobia", significando medo ou aversão. (REIS, 2015, p. 29)

Portanto, a homofobia pode ser um problema pelo qual afeta todos que convivem nas escolas, e sua influência é extremamente prejudicial. O preconceito e a discriminação no ambiente escolar podem prejudicar a todos. Junqueira (2007, p. 63) menciona ainda:

Homofobia deseduca, prejudica a formação de todos os indivíduos e é um problema que afeta a todos, heterossexuais ou não. Por exemplo, basta notar que a construção da masculinidade é um processo fortemente cerceador e que apresenta fortes vínculos com a homofobia. Nele, o indivíduo de sexo masculino, para merecer sua identidade masculina (de "homem de verdade"), deve dar mostras contínuas de ter exorcizado de si mesmo a feminilidade e a homossexualidade. Deve ostentar atitudes viris, agressivas e crenças sexistas e homofóbicos. E isso apresenta efeitos na distribuição do "fracasso escolar", nas definições das carreiras profissionais, na incapacidade de demonstrar afeto, na produção de um modelo de paternidade que desincumbe o pai de educar os/as filhos/as, na "masculinização" da violência etc.

Observando que os professores de todas as redes de ensino estão propensos a presenciarem essas diversas situações de preconceito nas escolas, relacionadas com a diversidade de gênero, nos deparamos com um fenômeno social e cultural que envolve o professor, ele sendo heterossexual ou não, desafiando as práticas pedagógicas. Esse movimento implica também nas construções de princípios éticos de suas ações, conforme Freire (1996, p. 16-18) diz sobre a ética:

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como a perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalharmos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. [...] faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.

De acordo com Reis (2015, p. 99) outro ponto significativo para se tratar nas escolas é a educação sexual, pois, a sexualidade é uma questão que contribui para o aluno se descobrir como sujeito de sua vida, e se o aluno não for bem instruído nas escolas, a sociedade determinará suas ações. É necessário que a escola e o professor estejam bem preparados para instruir os alunos sobre as diferenças, que elas existem e devemos respeitá-las, pois o outro tem direito de ter esse respeito, é preciso formar cidadãos conscientes de seus direitos sociais e civis e dos direitos do seu próximo independente da orientação sexual dele. Toni Reis (2015, p. 88 apud BRASIL, 1994^a, p. 17-18), menciona ainda:

Os objetivos gerais da educação sexual são os de promover a sexualidade, seja na dimensão biológica (saúde sexual e reprodutiva), seja na dimensão sócio-cultural (Sexualidade como expressão humana de um bem coletivo, regida pelos valores, normas e crenças de um povo), seja finalmente, na dimensão psicológica (sexualidade como um bem individual a serviço do enriquecimento e crescimento harmonioso da pessoa humana). Com estes objetivos a educação em sexualidade esta indissociavelmente ligada ao desabrochar da vida humana individual, do desenvolvimento sócio afetivo, da construção da pessoa, da história social, cultural e ética da sociedade.

Podemos perceber que existe uma necessidade em abordar o tema abertamente para esclarecer a respeito ao aluno, tentando, assim, diminuir o ato de homofobia dentro das escolas e na sociedade. Rogério Diniz Junqueira (2007, p. 60), nos alerta que:

Não podemos aceitar fronteiras tais como: “Podemos ir só até esse ponto, pois até aqui as pessoas topam”. É preciso responsabilidade pública, compromisso com o estado democrático de direito, para o qual nossas convicções (sejam elas religiosas ou políticas) não podem ser obstáculos para a construção de uma sociedade em que todos tenham direito de existir dignamente.

Sendo assim, em nosso caminhar pelas leituras científicas sobre o assunto e aqui muitas delas mencionadas, nos leva a refletir a importância de tratar sobre a sexualidade humana, bem como a homossexualidade nas escolas, e toda forma de preconceitos advindos da má informação, como por exemplo, a homofobia, inclusive nas escolas.

3 METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa, fizemos um levantamento dos pensamentos e conceitos de alguns autores que buscam compreender e explicar conceitos sobre diversidade de gênero no ambiente escolar. A escolha desse método de pesquisa aconteceu para poder compreender a importância e as dificuldades se trabalhar com o tema, conforme diz Triviños (1987, p. 100):

O processo de avaliação do material bibliográfico que o pesquisador encontra lhe ensinará até onde outros investigadores têm chegado em seus esforços, os métodos empregados, as dificuldades que tiveram de enfrentar, o que pode ser ainda investigado etc.

Optamos pela pesquisa qualitativa por se tratar de uma pesquisa que permite explorar e definir as relações e manifestações fundamentais do fenômeno, conhecendo sua estrutura, funcionamento e essencialidades (TRIVIÑOS, 1987). Diante dessa premissa, voltada para nosso objeto, do cenário nas escolas referentes à postura do professor diante das diferenças de gênero, a abordagem permitirá apreender a complexidade que mediam as práticas e concepções dos professores quanto a diversidade de gênero.

Para a coleta de dados, utilizamos entrevistas semi-estruturadas, com perguntas pontuais a fim de conseguirmos atingir as questões norteadoras dessa pesquisa, indicados no início desse trabalho, Triviños (1987).

Para realizarmos as entrevistas escolhemos quatro professoras da rede Municipal, professoras que lecionam de 4^o a 9^o ano do Ensino Fundamental, sendo uma pedagoga que trabalha com todas as matérias, uma que leciona ciências a disciplina que trás a sexualidade para sala de aula, uma que leciona português e uma que leciona matemática disciplinas mais distantes do tema; de duas escolas

situadas nos bairros centrais da cidade de Sinop-MT e com uma estrutura consideravelmente boa; e, por questões de sigilo conforme combinado com as professoras entrevistadas, não iremos informar os nomes das mesmas. Todas serão indicadas por simbologias, a saber: P1, P2, P3 e P4.

Das professoras entrevistadas, a professora P1 é Pedagoga, mestre em Educação e leciona nos 4º, e 5º anos. A professora P2 é Licenciada e Mestre em Educação Ciências e Matemática, leciona na rede municipal a nove anos de 6º a 9º ano, e leciona no Ensino Superior há 8 anos. A professora P3 é Licenciada em Ciências Biológicas, atua desde 2003 nos 7º e 8º anos e não tem Pós-graduação. A professora P4 é formada em Letras possui pós-graduação em Educação Especial e Psicopedagogia, e tem 16 anos de docência, sendo que hoje, ministra a disciplina Português.

3.1 Sexualidade e sala de aula: ambiente possível?

Em nossa entrevista, iniciamos já com uma questão muito direta em relação ao tema, e perguntamos o que os professores achavam sobre discutir ou não a respeito de orientação sexual, gênero, enfim, sobre a sexualidade humana. Vamos às respostas:

(01) Professora P1: Bom... é... Dentro dos conteúdos de história e de ciências traz alguma coisa sobre essa questão do gênero. Dentro dos livros de história hoje ele já traz não só a família tradicional, já vem apresentando os outros tipos de família que podem se, se formar né. E dentro da disciplina de ciências nós temos os conteúdos que são voltados ao corpo humano. [...]

(02) Professora P3: Eu acho que não tem professor, pra mim eles têm que ser discutidos a hora que surge a oportunidade. [...] Então eu acho que independente da profissão, surgiu a dúvida ela tem que ser discutida, independente da matéria ou do assunto.

Como podemos perceber na fala das professoras, elas colocam a necessidade de se falar sobre o tema da sexualidade, questões de gênero,

orientação sexual entre outros assuntos relacionados a esta temática quando surge o assunto em sala de aula. Dizem que em algum momento o assunto acaba surgindo em sala de aula e tiveram que discutir a respeito.

Nossa segunda questão abordou se o 'assunto', ou seja, se a sexualidade em todas suas formas aparecia em sala de aula e com qual frequência, e pedimos ao professor que citasse algum exemplo. Vamos às respostas:

(03) Professora P1: É... Daí depende da turma, né? [...] este ano mesmo nós temos um aluna que ela relata pra todo mundo pra sala, pros professores, [...] ela se assume hoje [...] ela se assume pra sala que ela gosta de [...] menina [...]. Só que tem muitos professores que eles não... eles podam [...] preferem não continuar o assunto... que dependendo do rumo que a conversa vai, se chegar no ouvido de alguns pais, dependendo da... do pai ele não aceita, ele acha que a escola tá impondo alguma coisa né, e muito pelo contrário, é mais uma questão de orientação mesmo [...]

(04) Professora P2: É... antigamente aparecia com bem mais frequência, hoje eu vejo as crianças já agindo com muito mais, muito mais naturalidade. [...]

(05) Professora P4: [...] eles falam muito mais em relação a namoro à outras coisas, não necessariamente menino com menino menina com menina, namoro, né, sexualidade no modo geral, [...]

Podemos observar nas falas, elas mencionaram que surgem com mais frequência assuntos voltados à sexualidade no geral, porém, assuntos especificamente à diversidade de gênero e orientação sexual não são tão frequentes e quando aparecem, os alunos agem com mais naturalidade, e está sendo mais aceito pelos colegas.

No entanto o que chama a atenção é que, aparentemente, todas elas parecem não entrar com cientificidade no assunto, ao menos é o que está nos relatos. O que parece é mais uma noção pessoal e absolutamente subjetiva com valores e crenças pessoais do que explicações baseadas em leituras sobre o assunto.

Esse ‘assunto’ talvez não seja cientificamente tratado por conta do não preparo das professoras que entrevistamos, pois na questão seguinte, perguntamos se as mesmas se sentiam preparadas para conversar/orientar questões relacionadas à sexualidade humana, e quais seriam os motivos para isso. Vamos ‘ouvir’ suas respostas:

(06) Professora P1: Não me sinto preparada. Primeiramente porque nós não temos nenhuma formação continuada voltada pra esse assunto. É... salve engano nós tivemos uma [...] em 1999 por ai, [...]... um curso sobre sexualidade de 40 horas, após isso nós nunca mais tivemos nenhuma formação relacionada ao assunto sexualidade. Eu não me sinto preparada porque eu não tenho essa formação, minha leitura é muito pouca em relação a isso, e, e devido também alguns preconceitos relacionados ao assunto dentro da escola, que você acaba, se inibindo de tá falando, mas eu não me sinto preparada. Mais é pela falta de formação mesmo.

(07) Professora P2: [...] meus alunos sempre tiveram muita liberdade comigo quanto a isso e eu me sinto sim, bem à vontade pra falar [...].

(08) Professora P3: Não... eu sinto, ‘vishi’, adoro conversar com eles, falo sobre tudo.

(09) Professora P4: Eu não tenho problema nenhum em conversar com eles assim eu não me sinto constrangida, eu [...] não tenho nenhum tipo de, de preconceito, é claro que agente vive numa, todo mundo quer ser normal, né, dentro de uma normalidade que todos querem ser iguais [...] eu converso com eles nesse sentido de respeito de respeitar a pessoa como um todo [...]

Sendo assim, podemos observar que de fato esse ‘assunto’ parece não ser algo que seja de ‘interesse público’, uma vez que, não tem formação continuada, como disse a professora P1 e também são poucas as leituras das próprias professoras sobre esses assuntos.

Algumas professoras dizem estar preparadas, mas no sentido de estarem abertas, de deixar os alunos na liberdade de falar a respeito da sexualidade, de uma

forma geral, corrigindo quando estiverem 'fora dos padrões' estabelecidos pela sociedade.

Ainda sobre o sentir-se 'preparado' para falar sobre assuntos relacionados à sexualidade, insistimos mais um pouco neste tema, para tentar aprofundar um pouco mais num particular que a nós interessa como pesquisadora: a homossexualidade. A pergunta foi basicamente a seguinte: e sobre a homoafetividade, você se sente preparada para falar sobre este assunto? Vamos às respostas:

(10) Professora P1: Em sala de aula também não me sinto preparada para falar sobre a homoafetividade. Seria a mesma coisa em relação [...] a resposta anterior... não tem uma formação pra isso, [...] seria assim meio... até constrangedor [...] eu me sentiria até constrangida pra falar sobre é... não...não tenho condições.

(11) Professora P2: Ah, eu me sinto sim. É... primeiro porque eu acho que todos somos iguais, eee, eu sempre trabalho na perspectiva, eu acho que ninguém escolhe ser gay, né [...] eu acho que não é uma escolha, [...] ninguém decide ser gay pra ser discriminado, pra ser julgado, pra ser deixado de lado, né, [...]

(12) Professora P3: Fala da professora. Sim... na boa... eu tenho inclusive vários alunos aqui que tem mães que são casadas, mãe com mãe e ai tem eles na sala de aula, só que eles não me perguntam, as vezes eu ainda jogo umas questão polêmicas assim pra ver se eles fala alguma coisa, mas eles não falam.

A exemplo do grande tema inicial que é ter preparo para falar sobre sexualidade humana, podemos perceber nas falas das professoras que o mesmo se repete quanto à 'como lidar com a homoafetividade em sala de aula', ou seja, mais uma vez podemos perceber nas falas que se trata mais de uma posição pessoal do que científica para tratar desse assunto específico, que mais uma vez a formação e a formação continuada é importante e faz falta.

Neste momento, perguntamos as nossas entrevistadas se as mesmas percebem o preconceito na forma de Bullying e qual é a reação delas enquanto profissional assim como quais encaminhamentos são dados também pela escola como um todo. Vamos às respostas:

(13) Professora P1: Isso ocorre... [risos]. O Bullying ele ocorre bastante, é... De chamar de menininha, de chamar de gaysinho, né... e... nós enquanto professores a gente não permite, inclusive assina advertência, quando a primeira vez assina uma advertência, é... se ocorrer de novo é comunicado os pais da criança que está fazendo o... o Bullying [...] nós enquanto escola a gente não permite [...] que ocorra isso dentro da sala de aula nem dentro do pátio [...] não se deve ficar é... intitulando o... chamando... fazendo Bullying, colocando apelidos por causa de, de um... de trejeitos ou de características que a criança venha apresentar [...] a escola ela tem essa prática de... de fazer assinar advertência quando as crianças praticam o Bullying.

(14) Professora P2: Olha. A gente sempre trabalha na perspectiva de igualdade [...] já vi professores que, que tratam sim com diferença, sabe, na frente dos alunos, e, e principalmente em sala de professor, sabe, que se refere de forma pejorativa, é, com preconceito [...]

(15) Professora P3: [...] eu nunca presenciei esse tipo de Bullying nas minhas aulas [...] mas quando a gente sabe de algum comportamento de Bullying desse tipo na, na escola a gente já passa para coordenação [...] dependendo da situação é advertência, suspensão, aí tem o regimento escolar as, as, as sanções aplicadas, é, no desrespeito do regimento da escola também, todos são aplicados da maneira igual seja o Bullying de qualquer tipo que, que ocorra.

(16) Professora P4: Na verdade, que nem eu já te falei, eu, eu sou bem rigorosa, falo com eles [...] sempre que eu percebo alguma situação eu interfiro, às vezes até meio ignorante [...] para que eles tenham respeito entre os outros entre eles mesmo [...].

Embora os relatos não tragam nenhuma forma extrema de situações de Bullying nas escolas, podemos perceber que de uma forma geral todas colocam que há sim situações que as professoras observam e presenciam no ambiente escolar. Porém, há da parte delas a intervenção no sentido de não permitir que esse

comportamento seja algo naturalizado, e mais, há relatos que deixam bem claro que há punições institucionalizadas, ou seja, não fica só na intervenção do professor, mas há o 'levar adiante' para que a coordenação possa também intervir inclusive com advertências, etc.

Mesmo havendo punições e advertências nenhuma professora relatou que elas ou a escola se posicionaram criticamente nesses casos ou até em casos em que o aluno praticante de Bullying não chegue assinar a advertência, nesse sentido é possível que mesmo que não percebam, tanto professores quanto a escola enquanto instituição esteja reforçando a desigualdade na escola, "Podemos reforçar a desigualdade de gênero quando não nos posicionamos criticamente, e sem maiores ponderações, diante de atitudes preconceituosas." (VIANNA; RIDENTE, 1995, p. 100).

Reis afirma o que as entrevistadas falam, que por mais que está sendo mais aceito essa 'diferença', por mais que estejamos mais cientes da diversidade sexual, ainda estamos presos a tradição conservadora que reprime a sexualidade em geral e principalmente a homoafetividade. Esse processo de mudança de valores que estão 'arraigados' na sociedade ainda muito conservadora é lento (REIS, 2015, p. 59)

Portanto podemos perceber que estamos passando por esse processo de mudança de valores culturais, porém ainda existe o preconceito, a dificuldade, o receio de abordar o assunto com os alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como foco as práticas de professores da rede pública Municipal de Educação frente à diversidade de gênero, mais especificamente à homoafetividade. O objetivo dessa pesquisa foi trazer através dos relatos dos professores as dificuldades pelas quais eles passam ou não para tratar de assuntos voltados à sexualidade, a orientação sexual com os alunos, visto que a escola é um espaço de diversidade cultural, social, de religião, orientação sexual, etc.

Percebemos, portanto, que a diversidade de gênero e a homofobia ainda é sim uma realidade nas escolas e ficou evidente que os maiores desafios encontrados pelos professores estão relacionados com a formação inicial

(graduação), e também a falta de uma formação continuada, ou até por tratar o assunto sem cientificidade, além do 'medo' dos pais dos alunos e os próprios pensamentos ainda conservadores.

A nosso ver o que seria interessante que nas escolas, sejam elas públicas ou privadas, haja uma formação continuada sobre o tema, mas como uma promoção no sentido de políticas públicas para que, para além da escola, quem sabe com o tempo a cultura venha a repensar esse olhar e a sociedade comece a compreender esse assunto em termos científicos e tentar diminuir essa visão obscura; que geralmente aparece com um teor de valores religiosos e moralistas, mas também no sentido social e afetiva se pensarmos como seres sociais que precisam uns dos outros; reduzindo e distorcendo um sentimento genuíno a um lugar amordaçado onde parece que o não falar vai fazer com que os desejos e o despertar do corpo também possam ser controlados ou calados.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Loudes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2008. 2001.

EUFRAZIO, Vinícius Pascoal *et al.* Diversidade sexual na Escola: homofobia, práticas discriminatórias e ações educativas. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., Rio Grande do Norte. **Anais [...]**. Rio Grande do Norte: UERN. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD4_SA11_ID3634_03092015180914.pdf. Acesso em: 15 out. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 1987.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e problematização da homofobia no contexto escolar. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: Discutindo práticas educativas. Rio Grande: FURG. 2007.

PROFESSORA P1. Sexualidade e sala de aula: ambiente possível? [Entrevista cedida à] Tatiane Cristina Strunz. **O professor e a diversidade de gênero na educação: mito ou realidade?**, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, out./dez. 2018.

PROFESSORA P2. Sexualidade e sala de aula: ambiente possível? [Entrevista cedida à] Tatiane Cristina Strunz. **O professor e a diversidade de gênero na educação: mito ou realidade?**, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, out./dez. 2018.

PROFESSORA P3. Sexualidade e sala de aula: ambiente possível? [Entrevista cedida à] Tatiane Cristina Strunz. **O professor e a diversidade de gênero na educação: mito ou realidade?**, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, out./dez. 2018.

PROFESSORA P4. Sexualidade e sala de aula: ambiente possível? [Entrevista cedida à] Tatiane Cristina Strunz. **O professor e a diversidade de gênero na educação: mito ou realidade?**, Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, out./dez. 2018.

REIS Toni. **Homofobia no ambiente educacional: o silêncio está gritando**. Curitiba: Appris, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas. 1987.

VIANNA, Cláudia. RIDENTE, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio Groppa (org). **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.